



# VIAGEM E COSMOPOLITISMO

DA ILHA AO MUNDO

PREFÁCIO DE GALIN TIHANOV

COORDENAÇÃO  
Ana Isabel Moniz  
Joaquim Pinheiro  
Leonor Martins Coelho  
Alcina Sousa  
Cristina Santos Pinheiro



# VIAGEM E COSMOPOLITISMO DA ILHA AO MUNDO

PREFÁCIO DE GALIN TIHANOV

COORDENAÇÃO

**Ana Isabel Moniz**

**Joaquim Pinheiro**

**Leonor Martins Coelho**

**Alcina Sousa**

**Cristina Santos Pinheiro**

**húmus**

TÍTULO

VIAGEM E COSMOPOLITISMO: DA ILHA AO MUNDO

COORDENAÇÃO

Ana Isabel Moniz, Joaquim Pinheiro, Leonor Martins Coelho, Alcina Sousa e Cristina Santos Pinheiro

Filiação Institucional dos Coordenadores:

Universidade da Madeira

ASSISTENTE EDITORIAL

Alexandra Nunes

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Marco Câmara | Gabinete de Comunicação e Marketing da Universidade da Madeira

© Edições Húmus, Lda e Autores, 2021

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão

Telef. 926 375 305

humus@humus.com.pt

ISBN

978-989-755-610-4

IMPRESSÃO

Papelmunde, SMG, Lda. – V. N. Famalicão

1.ª edição: Abril de 2021

Depósito Legal:

481565/21

Nota de edição

Nos textos em Língua Portuguesa, os Coordenadores do Volume respeitaram a ortografia seguida pelos Autores.

Todos os textos que integram este Volume foram submetidos a arbitragem científica

COMISSÃO CIENTÍFICA DO VOLUME

Adélio Fernando Abreu, Universidade Católica Portuguesa

Carmen Soares, Universidade de Coimbra

Eleonora Federici, L'Università degli Studi di Napoli "L'Orientale"

Fernanda Mota Alves, Universidade de Lisboa

Gaia Bertoneri, Università degli Studi di Torino

Gonçalo Vilas-Boas, Universidade do Porto

Helena Carvalhão Buescu, Universidade de Lisboa

José M. Oliver-Frade, Universidad de La Laguna

José Manuel Esteves, Université Paris-Nanterre

Leonor Simas-Almeida, Brown University

Maria Luísa Leal, Universidad de Extremadura

Marta González González, Universidad de Málaga

Marta Teixeira Anacleto, Universidade de Coimbra

Miguel Ángel González Manjarrés, Universidad de Valladolid

Onésimo Teotónio Almeida, Brown University

Rodrigo Furtado, Universidade de Lisboa

Vitor Magalhães, Universidade da Madeira

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00509/2020.

# A experiência da deslocação do estudante madeirense para o Continente na obra romanesca de Horácio Bento de Gouveia (1901-1983)

The experience of the displacement of the  
Madeira Island student to the Mainland in  
the romanesque work of Horácio Bento de  
Gouveia (1901-1983)

THIERRY PROENÇA DOS SANTOS\*

## Resumo

Visando um esboço da constelação temática característica das histórias de universitários insulares que se deslocam ao Continente para poderem tirar um curso superior, a presente abordagem assenta na leitura de dois romances do escritor madeirense Horácio Bento de Gouveia: *Canga*, primeiramente publicado em 1949 sob o título de *Ilhéus*, e *Águas Mansas*, que veio a lume em 1963. Nessas obras da memória insular sobre a juventude e percursos de vida, com significativas refrações autobiográficas e em modo de narrativa de formação, Bento de Gouveia logra incorporar nos romances que encenam as personagens Manuel Esmeraldo, de *Canga*, e Pedro Guimarães, de *Águas Mansas*, na passagem do meio insular – a Madeira – para a Capital do país – Lisboa –, reflexões e traços de comportamento e mentalidade que testemunham o embate com uma realidade outra, ora como desafio a si mesmo, ora como experiência gratificante.

**Palavras-chave:** universitário madeirense, idas e regressos, viagem e desenraizamento, distâncias e afetos, o insular transformado em cidadão do mundo.

---

\* Universidade da Madeira, Faculdade de Artes e Humanidades.  
thierry@uma.pt

## Abstract

There is a thematic constellation representative of the stories about university students from the Island of Madeira travelling to the Portuguese Mainland in pursuit of a higher degree. Aiming at a sketch of it, the present approach is based on the reading of two novels by the Madeiran writer Horácio Bento de Gouveia, namely *Canga* which was first published in 1949 under the title of *Ilhéus*; and *Águas Mansas* published in 1963. In both these works of insular memory on the youth and life paths of Manuel Esmeraldo in *Canga* and Pedro Simões in *Águas Mansas*, there are nevertheless significant autobiographical refractions of the author. With the enactment of their move from an island background – Madeira Island – to the capital city of the country – Lisbon – Bento de Gouveia manages to incorporate in these formation novels reflections and traits of behaviour and mentality that witness the clash with another reality. It is at times a challenge of oneself while at others a rewarding experience.

**Keywords:** the Madeiran university student, trips and returns, travel and displacement, distances and affections, the islander transformed into a citizen of the world.

Aproximar a escrita de viagem à narrativa insular é abordagem que se encara com naturalidade. Se a poética da viagem decorre da tensão entre identidade e alteridade, entre ambientes conhecidos e sobretudo desconhecidos, a literatura insular tende a definir-se como um *locus* enunciativo (o lugar de onde se conhece e se fala) que representa um “mundo-à-parte” e uma zona de fronteira<sup>1</sup> e, por conseguinte, uma realidade mal conhecida ou mesmo ignorada da maioria dos leitores que vivem num território continental. Por isso, tais discursos literários estão inevitavelmente ligados à conceção do confronto com o Outro e com lugares desfamiliares.

Neste sentido, tal género literário deixa uma representação não apenas sobre os outros como também sobre nós mesmos. O “descriptor” irá dar conta do encontro entre, pelo menos, dois mundos, duas maneiras de ser e estar: a de quem jornada e a do outro que encontrar pelo caminho. Escreverá o que o viajante vê e o modo como o vê. Dará a ler o que enuncia e o modo como o enuncia. Não somente regista a viagem em si mesma, com as suas impressões e reflexões, mas elabora também uma viagem textual, pelas palavras e pelas imagens, instituindo assim um diálogo consigo mesmo e com o mundo.

Tal narrativa viática é conduzida por uma voz que parte da ideia que tem da sua identidade para uma experiência da alteridade, criando uma situação enunciativa que

---

1 *Vid.* a esse propósito, Martins, 2011: 268-273. Frias Martins defende, na conclusão do seu artigo, “uma linha de ação da literatura insular” no quadro europeu focada sobre o modo como “os respetivos conjuntos sociais concebem a função estética”, distinguindo “o espírito aberto da literatura insular” da “atitude ensimesmada do regionalismo literário”.

estabelece interações entre diferentes espaços culturais, fazendo do texto uma reconfiguração simbólica do mundo.

Nessa discussão, duas tónicas são possíveis: insistir nas semelhanças culturais entre comunidades distintas e/ou distantes ou então procurar identificar as diferenças de uns e de outros. Os primeiros, entendendo que o mundo a todos pertence, procuram quebrar fronteiras entre diferentes tradições culturais; os segundos visam afirmar a sua identidade para afirmar o direito à diferença ou reclamar para si junto do poder central uma igualdade de tratamento relativamente a outras comunidades coexistentes num determinado Estado. Se o lugar de fala do narrador se inscreve numa cultura prestigiada, ora constrói uma visão condescendente do outro, ora empenha-se em explicar e compreender o mundo em que vive. Nestas últimas décadas, se o lugar de fala do narrador é de quem pertence a uma comunidade historicamente subalternizada, o discurso assentará nas relações desiguais entre os universos simbólicos de quem domina e de quem é dominado para desaguar numa perspetiva pós-colonial, desenvolvendo reflexões sociais e culturais que se estabeleciam entre a margem e o centro.

A diferenciação enquanto elemento basilar de construção de uma identidade cultural passa a ser o mote desses discursos literários, que apelam habitualmente, na qualidade de porta-vozes de determinada comunidade inferiorizada, à autoafirmação e autoestima da mesma, tão necessária à sua dignidade, mobilizando consciência crítica e memória individual e coletiva.

A viagem realizada por alguém que partiu de uma geografia minorizada e que, anos depois, a narra como experiência marcante para a sua formação humana surge, pois, filtrada pela memória: o vivido ganha outras cores, a perspetiva durante a escrita do texto confere-lhe nova intencionalidade e os equívocos e dissabores do passado silenciados ou aludidos, em meias-tintas.

É à luz destes conceitos que podemos encarar o trabalho da escrita do romancista madeirense Horácio Bento de Gouveia. Os seus romances, alicerçados entre fundo autobiográfico, histórias de vida e reportagem, retratam a condição do sujeito madeirense, no enfrentamento de desafios e problemas, muitos criados pela indiferença do Governo Central que costumava olhar para os insulares com condescendência e como subalternos muito distantes do seu horizonte. Tal postura provocava em muitos insulares aquele sentimento em que se viam entregues a si mesmos, despertando neles a ambição de ganhar o mundo para terem capacidade de resolver os seus problemas.

O que desperta no insular o desejo de viajar, o seu *wanderlust*? Que representações culturais ligadas à prática da viagem veicula a consciência insular? Como se adapta o madeirense em Lisboa? Que perfis caracterizam o universitário madeirense no Continente?

São estas as perguntas a que se tentará fornecer elementos de resposta, com base na leitura de dois romances do escritor Bento de Gouveia, a saber: *Canga*, primeiramente publicado em 1949 sob o título de *Ilhéus*, e *Águas Mansas*, que veio a lume em

1963. Destarte, a análise das representações do estudante universitário madeirense do séc. XX e de uma formação que só existe no exterior, patentes em textos que unem ficção e facticidade, retórica e memória, permitirá tecer considerações sobre a relevância da figuração dessa experiência humana no campo literário português.

Além de *Mau Tempo no Canal*, publicado em 1944, de Vitorino Nemésio (1901-1978) e de *Gente Feliz com Lágrimas*, lançado em 1988, de João de Melo (1949-), poucas obras tematizam a experiência do universitário insular que, no século XX, se instala numa cidade do Continente – Lisboa ou Coimbra, por exemplo. Repare-se que, em todos os casos em vista, a história de um estudante insular tende a decorrer de uma narrativa protótipo, de fundo autobiográfico, não sendo difícil de reconhecer no protagonista o próprio ficcionista.

Tanto em *Canga* como em *Águas Mansas*, o escritor romanceia a infância e juventude de um protagonista no meio rural madeirense no período entre guerras, a viver junto dos pais e da avó. Essa personagem remete para o tipo do “estudante madeirense” oriundo do campo (neste caso, a freguesia de Ponta Delgada) que descobre, num primeiro momento, a cidade, a boémia e a vida liceal no Funchal, num segundo tempo, a vida universitária, no Continente, em Lisboa, e num terceiro momento, o regresso definitivo à Madeira. A trajetória descrita representa um percurso individual, plasmado no romance de formação, ou seja, narra um processo de desenvolvimento interior do protagonista no confronto com novas vivências que lhe proporcionarão pensamento e maturidade, a nível psicológico, físico, social e até moral. O romance *Águas Mansas*, narrado na primeira pessoa pelo protagonista, Pedro Guimarães, constituirá uma perspetivação mais lírica da história de Manuel Esmeraldo, de *Canga*, uma narrativa de feição realista.

No cotejo de *Canga* e *Águas Mansas*, verifica-se uma significação distinta no final da trajetória pessoal do herói aquando do seu regresso à Madeira: no primeiro romance, Manuel Esmeraldo, após ter vivido a boémia estudantil e desenvolvido competências intelectuais no Continente, há de empenhar-se, anos mais tarde, na resolução de um problema social que assolava a sua terra natal. No segundo, a instância narrativa encena o percurso de um homem que sairá transformado, viajado e casado com uma continental (assim sugerindo talvez o bom exemplo da exogamia?), mas trabalhado pela memória e pelo remorso de ter vivido só para si, longe dos seus, e, por isso, desejoso de se reaproximar das raízes.

Partindo do quadro exposto, pode-se refletir sobre as particulares imagens que os protagonistas foram construindo de Lisboa, durante a permanência de cada um nessa cidade, no seu tempo de estudante, desde o primeiro embate fora da terra até à adaptação à nova realidade, passando pelas saudades da terra natal. Através das representações de uma Lisboa vivida como um exílio, pelo menos nos primeiros tempos, a voz dos textos projeta a figura do intelectual desterrado, tal como o descreveu Edward Said, “nostálgico e sentimental” por viver num “estádio intermédio, nem de

todo integrado no novo lugar, nem totalmente liberto do antigo”<sup>2</sup>. Tomada a decisão do regresso efetivo, o jovem que foi um dia “madeirense” em Lisboa tornar-se-á um “lisboeta cosmopolita” na Madeira, ou melhor dizendo, ficará dividido entre duas margens, agora elevado a cidadão do mundo.

### 1. A travessia atlântica e o ingresso num quotidiano exilante

Nos idos dos anos 20-30 do século passado, a viagem marítima, além do desconforto e da falta de privacidade, era longa e apresentava riscos. Em *Canga*, o narrador informa que a ligação entre o Funchal e Lisboa demorava duas noites e um dia<sup>3</sup>, ou seja, um dia e meio de viagem (cerca de 36 horas). Em *Águas Mansas*, contrariamente às crianças e raparigas que se divertiam no tombadilho e ao seu pai, para quem a travessia entre o Funchal e Lisboa era momento de recreio e socialização, Pedro Guimarães – o protagonista – “passa mal o mar”<sup>4</sup>. A sua experiência viática num vapor é descrita do seguinte modo:

Estonteara-me a viagem. O trepidar das máquinas, os balanços, o enjoo, as duas noites mal dormidas no convés, estendido numa cadeira de lona, (...), fiquei a detestar do fundo da minha alma a viagem marítima. (...). § E mais morto que vivo jejuei dois dias.<sup>5</sup>

Mais adiante, o texto rememora o sempre possível: “mau tempo no Atlântico, as vagas alterosas”<sup>6</sup>. Esse medo da viagem marítima, latente e difuso, que caracteriza o jovem viajante madeirense afasta-o da figuração do marinheiro destemido de um Portugal mítico: viajar, para o referido autor, parece ser um ato necessário, muitas vezes penoso, mas nunca idealizado.

Nos romances em análise, a situação do desembarque em Lisboa é encenada de duas maneiras distintas. Em *Canga*, Manuel, valendo-se da rede de contactos pessoais, será, à chegada, orientado por um conterrâneo: “Desembaraçado das formalidades da alfândega, Manuel avistou-se com um seu patricio, estudante de Direito, que o levou para uma pensão da Rua de São Bento”<sup>7</sup>. A solidariedade madeirense atenua desta feita a angústia do desarrimo do recém-chegado que nada conhece do seu novo destino. É a situação contrária que Bento de Gouveia imagina em *Águas Mansas*. Neste romance, um jovem insular parte para o Continente sozinho e enfrenta a prova da solidão ao desembarcar numa cidade desconhecida: “Agora que ia sair em terra custava-me o

---

2 Said 2005: 57.

3 Gouveia 2008: 176.

4 Gouveia 1963: 178.

5 *Ibid.*: 173.

6 *Ibid.*: 191.

7 Gouveia 2008: 176.

isolamento de ninguém me esperar”<sup>8</sup>. Entregue a si mesmo, inicia a fase de sua instalação em Lisboa, símbolo e sinédoque de Portugal continental. Pedro Guimarães, “estudante de Medicina e também de Letras”<sup>9</sup> e voz problemática do narrador-escritor, perfilar-se-á como o estereótipo do jovem insular deslocado, cujo estado de espírito se define pela solidão interior e a perplexidade perante as sensações novas que a Capital lhe proporciona, vivendo dividido entre as reminiscências da Ilha e as experiências lisboetas.

Encenando o universitário insular no processo de se instalar na Capital portuguesa, o discurso bentiano insiste na percepção da diferença entre Lisboa e a Madeira, sublinha a impressão de estranheza perante o novo meio envolvente e configura a agitação do espírito e do corpo, a fuga de si próprio e o almejado reencontro consigo mesmo.

Essa experiência singular é transposta para *Águas Mansas*, com pormenores concretos e, por conseguinte, mais visualizáveis e sensoriais. Pedro Guimarães surge, significativamente, no cenário enunciado como um homem destoante no meio do movimento, como um homem isolado no meio da massa:

Desembarquei. Atropelaram-se as sensações do não vivido. A fala dos estivadores, o modo de andar das mulheres, o movimento da rua, os elétricos, o pregão dos diários da tarde. Tudo diferente do Funchal, cidade-porto, onde toda a gente se conhece<sup>10</sup>.

O autor coloca assim o leitor perante um quadro urbano que vai de encontro à paisagem interior da voz narrativa. O perfil de indivíduo reservado e melancólico que caracteriza Pedro Guimarães constitui um atributo simbólico, tradicionalmente associado à ilhudez, tais como o desalinho e a timidez, que reforça a dimensão alegórica da trama. Assim, o protagonista sente-se desfasado relativamente a Lisboa, porque o ilhéu foi criado num espaço físico, social e espiritual distinto do da então Metrópole colonial. Por dicotomia, o texto bentiano sublinha “a grandeza de Lisboa comparada com a pequenez graciosa do Funchal”<sup>11</sup>.

Ao longo do primeiro ano a viver na Capital, Pedro tem dificuldade em aclimatar-se ao novo ambiente. Contrariamente ao habitual clima temperado da Ilha, Lisboa apresenta fortes oscilações de temperatura. “Dezembro de Lisboa era um contraste com o dezembro da Madeira”<sup>12</sup>. “Estava frio, um frio que nunca experimentara no

---

8 Gouveia 1963: 174.

9 *Ibid.*: 176.

10 Gouveia 1963: 174.

11 *Ibid.*: 225-226.

12 *Ibid.*: 185.

norte da Madeira”<sup>13</sup>. E o “vento (...) parecia ferir. Era gume afiado”<sup>14</sup>. Em Lisboa, no verão, sofre-se “um calor de torrar, mesmo em certas noites”<sup>15</sup> e “na rua, queimava o ar”<sup>16</sup>, pelas quatro da tarde, por oposição à “frescura do Norte, lá na (...) freguesia” de Ponta Delgada<sup>17</sup>.

No mesmo romance, o jovem universitário vai-se, naturalmente, adaptando ao meio lisboeta. Não é insensível ao encanto da cidade: “Lisboa tinha formosas manhãs”<sup>18</sup>. Aprende a gostar de certos eventos sociais, de se encontrar com um conterrâneo no café “Chave de Ouro” e até da comida: “– Eu tinha saudades deste caldo verde... Não faz parte da cozinha da Madeira”<sup>19</sup>. Nas quadras festivas, toma parte nos costumes dissemelhantes daqueles a que estava habituado na infância e juventude: no Natal, a abundância de enfeites nas ruas da Capital e artigos nas respetivas lojas contrasta com a singeleza da “Festa” madeirense<sup>20</sup>. Em Lisboa, Pedro entra no “corso” e participa em “assaltos” de Carnaval, formas conviviais que nada têm que ver com o “entrudo” tradicional da freguesia insular onde nasceu. Apartado da ilha-berço, como que exilado, o protagonista-narrador acaba por tomar consciência do seu processo de transformação que a deslocação desencadeou: “Deparei esta verdade: eu era diferente do que sempre fora”<sup>21</sup>.

Ainda assim, Lisboa oferece alguns pontos de contacto com a pacata vida das ilhas. A cidade tem ruas provincianas e fica-se aos domingos igualmente na pasma-ceira: “Domingo, dia morto em toda a parte. Em Lisboa, no Funchal, na minha freguesia, na América assim devia ser, e no Brasil... o dia de descanso tinha a sua psicologia inconfundível”<sup>22</sup>.

Na verdade, Pedro Guimarães cultiva uma relação ambígua com Lisboa. Para o estudante insular, a cidade desperta-lhe um sentimento de estranheza, a começar pela forma cerimoniosa como o trata o seu senhorio, o Sr. Refoios, de velha ascendência fidalga minhota e declinante<sup>23</sup>, mas com quem manterá uma boa relação hóspede-hospedeiro. Se Pedro Guimarães sublinha aspetos do cenário urbano que o surpreendem ou lhe agradam, como as mulheres bonitas e a vida cultural, Lisboa surge, plasmada

---

13 *Ibid.*: 191.

14 *Ibid.*: 191.

15 *Ibid.*: 222.

16 *Ibid.*: 222.

17 *Ibid.*: 223.

18 *Ibid.*: 180.

19 *Ibid.*: 220.

20 A “Festa”, ou seja, a quadra natalícia é o ponto alto da tradição madeirense. Os preparativos iniciam-se logo no início de dezembro (limpezas, missas do parto, matança do porco, a “Revéspera” [a noite do mercado], a missa do galo), a “Festa” prolonga-se com a passagem do ano e vai até ao “Cantar dos Reis” e, em alguns casos, ao “Varrer dos Armários”.

21 *Ibid.*: 179.

22 *Ibid.*: 186-187.

23 *Ibid.*: 175.

num imaginário decadente do *fin de siècle*, a lembrar a Lisboa de Fialho de Almeida, como uma cidade labiríntica, proteica e devoradora, que se alimenta das aparências, se revela interesseira e hipócrita, convive com a prostituição e a miséria moral e onde se vive no anonimato. O próprio Pedro, caloiro de Medicina, vê-se como uma figura estranha, porque, nos seus primeiros tempos na Capital, usa um “sobretudo antiquado” contrastando com o ar distinto do seu conterrâneo amigo, quartanista de Direito, que enverga uma “impecável gabardina de um verde cor de azeitona, luvas de cabedal”<sup>24</sup>. Viver-se num lugar em que se é visto como um elemento estranho, não integrado, não é fácil.

Todavia, apesar dos vários motivos de estranhamento, a liberdade de que goza o estudante insular e o apelo ao hedonismo próprio da idade vão empurrar, quer Manuel Esmeraldo, quer Pedro Guimarães, para as aventuras amorosas e a “vida boémia da Capital”. Tal dispersão/fragmentação da identidade individual causada pelo exílio lisboeta ao longo dos anos opõe-se ao sujeito unificado que a Ilha favorecia:

A vida boémia da capital, estimulante de atrativos, cinemas, esplanadas no verão, clubes noturnos, esgotara-o. Corpo debilitado, nervos em desequilíbrio, o espírito incapaz de trabalho mental, Manuel aproveitou umas férias para retemperar-se da vida desregrada que o abalara. Começou de isolar-se e quanto mais mergulhava no seu isolamento mais acesa e forte alteava nele a nostalgia da Terra Mater. Não tornaria para a ilha senão formado<sup>25</sup>.

O sentimento de culpa de Manuel Esmeraldo por se ter afastado dos seus, e o remorso de Pedro Guimarães por não ter cumprido a promessa feita à avó extremosa e à Constança, a namorada abandonada na freguesia, darão lugar ao esforço pessoal para voltar a uma vida regrada e construtiva. As memórias, ainda que enclausurantes, são também a cura para lhe matar a saudade da família e da terra.

## 2. Exílios da memória e o regresso efetivo

O estudante insular obrigado a um exílio temporário no Continente para prosseguir os seus estudos no ensino superior tende a viver com o corpo num lugar e a cabeça noutro. No labirinto de recordações enraizadas na Ilha, a fórmula narrativa entrega-se a uma lenta e progressiva efusão da memória, instituindo-a como fenomenologia da temporalidade. Na sua abordagem da obra de Vergílio Ferreira (1916-1996), Fernanda Irene Fonseca denomina este processo de “narração-evocação”<sup>26</sup>. Em contraponto à realidade lisboeta, a memória das personagens centrais de *Canga* e de *Águas Mansas* regressa com frequência à freguesia natal, revivendo todo esse lugar interiormente.

---

24 *Ibid.*: 187.

25 Gouveia 2008: 183.

26 Fonseca 1992: 272.

Em ambos os romances, a consciência do exílio, construída a partir da metáfora da insularidade, ganha assim forma. Lê-se em *Canga*, a respeito de Manuel Esmeraldo: “Mas a nostalgia, força oculta e dominiosa, esmagava-o”<sup>27</sup>. Esse apelo interior torna-se ainda mais tocante quando, em *Águas Mansas*, Pedro Guimarães se vê sozinho a passar as férias de Natal em Lisboa, estando, presume-se, os colegas continentais junto das respectivas famílias<sup>28</sup>. Note-se que, de todas as festas cíclicas, a quadra natalícia é para o madeirense a mais relevante, visto as manifestações da tradição que ela estabeleceu constituírem parte de sua identidade, revestindo-se, por isso, de um especial significado emocional quando recordada:

Vou à Missa do Galo a S. Domingos. O templo dardeja lumes. Há uma multidão imensa. Entro pela sacristia. Começa a Missa. Sinto-me isolado. Voa o pensamento. Àquela hora, lá na igreja do Senhor Jesus, à beira-mar, *pensa-se* o Menino [<sup>29</sup>]. Vive-se em ambiente medieval ou, melhor, do nascimento do Salvador. E atravessam o adro as romarias de pastores de todos os sítios da freguesia. Transportam sacos com trigo, bandejas com carne de porco, cestas com laranjas e até há os homens que levam cabras às costas. São as oferendas para o Menino. Ouvem-se as trovas de cada rancho que se dirige para junto de Jesus, louvando-O. Rebentam as bombas no adro. Salvam arcabuzes. Explodem foguetes no ar macio... Mas o pensamento regressou à igreja de S. Domingos. Acabada a Missa, vem o silêncio da noite igual às outras, dos outros dias<sup>30</sup>.

A freguesia natal, transfigurada mas nunca embelezada pela reminiscência, domina esse universo romanesco pelos jogos da memória. Sobrevoa a vida e o destino da personagem principal. Afastado da terra natal, a Ilha apresenta-se como o lugar para onde o pensamento torna obstinadamente, como uma paisagem para contemplação mental. Pontos de comparação, momentos especiais e notícias de casa motivam regressos pela memória à terra-mãe, como as cartas da família para manter o laço

---

27 Gouveia 2008: 183.

28 Gouveia 1963: 193-194.

29 Trata-se de uma tradição antiga patente em várias freguesias da Madeira, sobretudo nas da costa norte, que chegou a ser proibida pelo bispo D. Manuel Agostinho Barreto (1835-1911) por considerá-la indigna para a Virgem. A “pensação do Menino” é uma encenação dentro da liturgia da Missa do Galo, que envolve crianças, jovens e adultos, e começa após o cantar do “Glória”, seguindo-se a Anunciação, por um anjo, no púlpito, do nascimento de Jesus. A “pensante”, acolitada pelo anjo, desempenha diante das fiéis cinco ações importantes: apresenta o Menino ao povo, lava-O, veste-O, deita-O no berço e embala-O. A “Pensação” figura, portanto, um exercício de transmutação da divindade de Jesus, trazendo-O à condição humana. A tradição mantém-se viva nalgumas poucas freguesias da Madeira.

30 *Ibid.*: 193-194.

quebrado pelo abismo da distância, a exemplo daquelas que a narrativa incorporará em *Canga*<sup>31</sup> e em *Águas Mansas*<sup>32</sup>.

Tirando os sempre possíveis regressos através do desencadeamento de memórias e da correspondência escrita com a família, a aproximação ao mundo insular sem sair de Lisboa pode realizar-se de, pelo menos, mais duas maneiras: através do contacto com conterrâneos e açorianos ou através de certos lugares mais provincianos de Lisboa que fazem lembrar ruas do Funchal. Além do conforto moral de se encontrar num espaço urbano familiarizante, a condição e consciência de estudante insular tende a favorecer a solidariedade ilhoa e a promover um lugar de cumplicidade entre açorianos e madeirenses, dado identificarem-se com valores e sentimentos semelhantes, como o sentimento amargo do exílio. Repare-se que, em *Águas Mansas*, os estudantes conhecidos ou amigos de Pedro Guimarães que com ele contracenam, nos seus primeiros tempos de estudante, são conterrâneos, mesmo aquele por quem não nutre especial estima, o António Santos, por ser um tanto presunçoso e dissimulado. Estar entre conterrâneos, ou então, entre insulares, permite recriar o ambiente evocativo das raízes, uma outra forma de enganar as saudades.

Para fazer de si um homem da sociedade e do mundo, o estudante insular terá de crescer longe de casa, dando início a uma longa viagem formadora, quer em relacionamentos amorosos, quer em experiências culturais e profissionais. Essa viagem, ainda que pontuada por várias idas e voltas temporárias à terra natal, permitirá ao protagonista a descoberta de si, a construção de uma nova identidade, conquistada graças a essa distância bem mais fecundadora do que a proximidade imediata.

Em *Canga*, Manuel Esmeraldo, qual Ulisses que levou dez anos a regressar a Ítaca, passa uma década no Continente antes de tornar de vez à Madeira. Se foi atraído pela vida estimulante da Capital portuguesa, é porque ela permite a formação do homem urbano e instruído, com experiências culturais, sociais e amorosas diversificadas:

Dez anos de Lisboa fizeram que Manuel Esmeraldo criasse hábitos que estavam nele enraizados e que enformavam a sua personalidade. O teatro, o cinema, o café, os bailes, as conferências... diariamente tinha onde passar o tempo. A ideia de que teria de deixar a cidade arrasava-o de neurastenia. Nunca tomara a vida a sério e, por isso, entregava-se ao acaso das aventuras fáceis. No entanto, sentia-se debilitado, gasto de energias e, como fogo sagrado, ardia nele o amor da Terra Mater e da sua gente. Agora tinha de abandonar a cidade e os amigos<sup>33</sup>.

---

31 *Vid.* Gouveia 2008: 183-184.

32 *Vid.* Gouveia, 1963: 238-239.

33 Gouveia 2008: 194.

O protagonista, moldado pelo sentimento telúrico e por uma espiritualidade contemplativa, acaba por se sentir esgotado física e psicologicamente pela vida cheia de atrativos da cidade. Regressa à ilha-casa, sozinho e sem recursos, a não ser o do seu valor pessoal, como na parábola do “filho pródigo”, aludida não por acaso no romance em questão<sup>34</sup>. Vem refugiar-se no sossego da sua freguesia natal e é recebido de braços abertos pela família e saudado pelos camponeses vizinhos. Um sonho de justiça social continua a habitá-lo: a visão de mundo que nele germinou não se conforma com a realidade dos caseiros e colonos, seus contrerrâneos. Manuel deixa de se preocupar consigo próprio e abraça uma causa nobre em prol desses terceiros explorados e injustiçados. Os anos passados em Lisboa prepararam-no para contribuir para a resolução do problema social que o obsoleto regime agrário de colônia<sup>35</sup> constitui:

Manuel Esmeraldo leva meses a estudar o regime de colônia e a alvitrar soluções. Depois, em pormenorizada exposição ao Governo Central, fartamente documentada, mostra que o regime é inadapável às condições de vida contemporânea. Ao mesmo tempo agita-se a questão no Parlamento e nos jornais<sup>36</sup>.

Só um indivíduo bem formado e acostumado aos códigos e procedimentos da *élite* social poderia fazer chegar o seu projeto de extinção do regime de colônia aos círculos de influência do poder, sedeados justamente na Capital do Império. Tal exercício de generosidade será também a sua redenção.

Em todo o caso, a consciência da centralidade e periferia perpassa pelos romances em foco. Na verdade, em *Canga* e em *Águas Mansas*, realiza-se um discurso de analogia entre a situação do arquipélago da Madeira e a situação colonial e respetiva legitimação, deixando transparecer a ideia de uma espécie de “colonialidade insular”, que está em linha com o conceito de “adjacência” consagrado pela nomenclatura estado-novista. Ao jovem universitário madeirense, tipo do “provinciano” que vai educar-se em Lisboa, caber-lhe-á adaptar-se ao novo meio e atenuar o sentimento de desenraizamento com horas de estudo, vida boémia e amores de estudante.

---

34 *Ibid.*: 230.

35 Muito provavelmente implementado na Ilha da Madeira no séc. XVII, o regime de colônia consistia no seguinte princípio: o senhorio contratava com o colono o cultivo de um prédio rústico seu, reservando-se parte (normalmente metade) do produto da colheita. No regime de colônia, competia ao colono investir nas melhorias do prédio para dele tirar maior rendimento. Todavia, o senhorio podia a qualquer momento despejar o colono, indemnizando-o pelo valor das benfeitorias que este tivesse realizado. Este sistema tendia a criar alguma conflitualidade entre colonos e proprietários. Vale a pena observar que, em França, na Baixa-Bretanha, única zona do país em que terá existido, foi extinto um regime análogo ao da colônia, designado como *domaine congéable*, após a Revolução Francesa, em 1792. O processo de abolição da colônia na Madeira teve início em 1977, com o Decreto Regional 13/77/M.

36 *Ibid.*: 220.

Em *Águas Mansas*, Pedro Guimarães, qual irmão gêmeo de Manuel Esmeraldo, de *Canga*, não escapa à geografia sentimental que se lhe impõe ao espírito, em que a relação com a Ilha se configura como indissociável da relação do *eu* consigo próprio. A Ilha permanece nele, a dor da separação não lhe permite desligar-se dela. Formado e já a trabalhar em Clínica em Lisboa e apesar de uma vida entremeada de vários lazeres, a monotonia, o vazio existencial e uma solidão autoimposta tomavam conta dele:

Considerava o meu viver infeliz como se estivesse condenado a um exílio para sempre. Vinha-me à lembrança a Madeira, a freguesia com seus semideiros nas franjas do sopé da montanha e por entre fazendas. Os atalhos com as paredes embelezadas de corriolas com flores amarelas, aos cordões, que juncavam o chão rente aos muros<sup>37</sup>.

Após uma ausência de muitos anos, o protagonista regressa à Madeira, casado, para dar um novo sentido à vida. O amor que sente por Madalena, uma continental com quem travou conhecimento num cruzeiro pelo Mediterrâneo, é o que o reconcilia com o destino. O final do romance, tendo como cenário a sua freguesia natal e cruzando as suas reminiscências do lugar com a nova realidade do momento, vem confirmar a ideia de que, além de lhe garantir a formatura e a passagem para a atividade profissional, a experiência lisboeta possibilitou a Pedro Guimarães tomar consciência de si mesmo e encontrar o seu propósito de vida. A longa estada no Continente funcionará na economia do romance para o herói se recentrar na sua identidade profunda e se abrir à alteridade da mulher que com ele vai partilhar a vida.

### 3. O término da viagem

A mudança do ser insular opera-se graças à longa estada em Portugal continental, obrigando-o a refletir sobre identidade, alteridade e memória afetiva. Nessa estada, interpelado através da memória pela sua origem insular, vai questionando o problema da identidade madeirense. No entanto, o seu crescimento passa pela necessidade de sair de si mesmo e de ir ao encontro do outro. Afinal, para se tornar ele próprio, aceitará a sua situação de sujeito híbrido. Tal mudança resultará numa dupla pertença geográfica: uma, perto da Natureza (o espaço insular), e a outra, com acesso à Cultura (o espaço da capital portuguesa). Todavia, Bento de Gouveia não esconde a sua preferência pela ilha-mãe, ainda que tenha noção de quão redutor é nunca sair dela. A exemplo da sua postura e do seu percurso de vida, as suas personagens são da Ilha mas procuram ter mundo. Essa demanda é, no itinerário do protagonista, constante, quer através dos livros e da correspondência particular, quer através de experiências viáticas e culturais. É nas suas raízes profundas e na literatura que a busca empreendida encontra a sua finalidade: a fim de dar mais mundos ao exíguo território insular, assumirá com toda a

---

37 Gouveia 1963: 269.

serenidade o trabalho da rememoração e o ato da escrita literária para deixar aos leitores o seu testemunho de homem insular, que não se deixou vencer pela insularidade.

## Bibliografia

### Fontes

Gouveia, H. (1963), *Águas Mansas: romance*, Coimbra.

Gouveia, H. (2008), *Canga: romance*, Funchal.

### Estudos

Fonseca, F. (1992), *Deixis, Tempo e Narração*, Porto.

Decreto Regional (1997), 13/77/M de 18 de outubro: 27-33. Consultado a 20 de outubro, 2018, em: <https://joram.madeira.gov.pt/joram/1serie/Ano%20de%201977/ISerie-001-1977-11-29sup2.pdf>.

Martins, M. (2011), “A Questão insular e a literatura. Uma perspetiva europeia”, *As Ilhas e a Europa, A Europa das Ilhas*, Funchal, 268-273.

Melo, J. (1988), *Gente Feliz com Lágrimas*, Lisboa.

Nemésio, V. (1999), *Mau Tempo no Canal*, Lisboa.

Said, E. (2005), “Exílio intelectual: expatriados e marginais”, *Representações do Intelectual*, São Paulo.